

EVA, A RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE

Jane Tutikian*

Mostrei-lhe que há sempre dois lados, que toda a verdade é relativa e que a de hoje não será necessariamente a de amanhã...

Germano Almeida, *Eva*

A movimentação histórico-cultural e a redefinição de fronteiras das últimas décadas fazem com que o conceito de nação se fixe nos fundamentos de identidade¹ e na recuperação de certos valores autóctones, com o intuito de resgate da tradição ou de construção de uma nova tradição. Busca-se uma idéia mais próxima de homem e de nação diante das movimentações do nosso tempo. Em ambos os casos, seja recuperando, seja criando uma nova tradição, há a revisão do passado, a «territorialização ideológica e a ancoragem no futuro (espécie de utopia ideológica.)»², como quer Leenhard.

É aí também que o dialogismo se torna a marca da literatura contemporânea, o que, segundo Maria Lúcia Lepecki (1998), corresponde a um traço epocal. Nesse diálogo com a História, a verdade histórica e a verdade da ficção se confrontam, a segunda presentifica e critica a primeira, produzindo-se o que Fletcher chamou de «fingimento do fato»³ pela produção de um efeito histórico-documental.

Diante desse quadro, de que não passam à margem as nações africanas de língua portuguesa, questões como *nacionalismo* e *identidade* ocupam espaço em textos dos mais diversos estatutos, a partir de suas especificidades sócio-históricas, através de reflexões e abordagens estéticas próprias.

Em Cabo Verde, o grande nome do chamado pós-colonialismo é, sem dúvida, Germano Almeida. A situação cabo-verdiana é uma bastante particular dentro do colonialismo, uma vez que, aos poucos, a administração, e é Manuel Ferreira⁴ quem afirma, foi passando para as mãos dos cabo-verdianos. Além disso, diferentemente, por exemplo, de Angola e de Moçambique, a independência constituiu-se numa verdadeira revolução, no que se refere ao desenvolvimento do Arquipélago, que de 1975 a 1990 modifica o panorama colonial. Entretanto, a falta de experiência com a independência e com a autogestão termina levando à privatização dos bens, a base da estrutura econômico-financeira, de alguma

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

forma, retorna a Portugal, e os problemas continuam os mesmos: fome, miséria, evasão. Do ponto de vista literário, a perplexidade diante do novo como que tolhe a criação e, logo a seguir à independência, a produção praticamente estaciona: de 1975 a 1981, há um grande vazio. Mas é quando surge a revista *Ponto & Vírgula*, criada por Germano Almeida, Rui Figueiredo e Leão Lopes.

Ponto & Vírgula coloca-se à margem, contrária ao regime monopartidário; tem o papel de preencher o espaço literário esvaziado pelo regime, lutar pela autonomia da arte e, dentro da tradição literária cabo-verdiana, abrir caminhos políticos outros.

Segundo Almeida, ao referir-se a *Ponto & Vírgula*:

[...] É verdade que continuamos a dormir à sombra dos louros da «Claridade», como se isso nos bastasse. Não tentamos ultrapassar, continuar a experiência «claridosa». E nem houve ruptura entre essa geração e as actuais; a viagem literária que eles fizeram fi-la eu 50 anos depois, veiculado a um meio mais urbano...⁵

Foi ele um agente do humor na literatura cabo-verdiana, marcada desde o Movimento Claridoso (anos 1930) por temas sérios, engajados problemas nacionais, como a fome, a seca e a emigração. *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* (1989) pode ser paradigma desta viragem para o humor, quando a paródia se evidencia no engano que leva à compra dos dez mil guarda-chuvas numa terra onde raramente chove. *A Família Trago* (1998), por sua vez, a reafirma com sua ironia dirigida à Igreja Católica e às «coisas sagradas». Por meio de histórias encadeadas umas às outras, e relatadas ora por um narrador adolescente ora pelo testemunho de pessoas que conviveram com Pedro Trago, o escritor devassa o passado do fundador da família. Recua assim até à proclamação do Estado Novo, a 26 de Maio de 1926, quando os excluídos da nova ordem são deportados para Cabo Verde, constituindo, a partir daí, um novo ciclo de mestiçagem: a dos desterrados acrioulados. De certa forma, *As Memórias de Um Espírito* (2001) vêm na mesma linha: a obra retrata a sociedade cabo-verdiana com o mesmo lado satírico, por meio de personagens vindas de outras ilhas e que lutam, em São Vicente, através de meios lícitos e ilícitos, pela sobrevivência.

Segundo José Carlos Gomes dos Anjos⁶, o pólo de contraposição mais visado pela revista *Ponto & Vírgula*, dentro do processo de autonomia da arte, é o intelectual-político-partidário que troca a produção literária por um cargo político e perde a capacidade de denúncia. É, de fato, a grande premissa à criação de *O Meu Poeta*, o primeiro romance nacional cabo-verdiano, que reafirma todas as qualidades das obras anteriores e posteriores de Germano Almeida. A partir de um caricato poeta-político, o autor faz um retrato satírico dos governantes e das elites culturais cabo-verdianas, no pós-colonialismo, criticando, também, o entendimento da cultura e da literatura pelo viés da política, posição defendida pelo

Partido pela Independência de Cabo Verde (PAICV) então no governo. Joga um Cabo Verde real, constituído por uma sociedade marcada pela estagnação, contra um Cabo Verde talvez possível, produzindo uma análise paródica daquela sociedade do pós-independência, em que a própria discussão da liberdade é proposta pelo viés irônico, na medida em que ela é construída pelo contraditório, pelo inusitado.

A grande crítica à literatura cabo-verdiana é também a da estagnação e, nesse sentido, Germano Almeida vai a um dos elementos mais caros à tradição literária do Arquipélago, o Movimento Claridoso, quando alerta para a passividade da sociedade, e a necessidade de escrever sobre ela:

Aliás quem de futuro quiser escrever terá de aprender não só a observar como também a analisar, sob pena de nossa literatura nunca mais sair do purgatório claridoso de que tem vivido até agora. Por exemplo, já tentaste explicar a nossa presente desmotivação política, comparada com os tempos eufóricos da luta pela independência? ⁷

O escritor combina o que se nega e o que se afirma, promovendo a desmitificação, e o faz resgatando a vida individual cotidiana, abrindo-a para uma perspectiva coletiva, revisando, criticamente, as identidades política e cultural cabo-verdianas, alicerces da identidade nacional e do nacionalismo, ao dessacralizar suas instituições, símbolos e representações. É a proposição de um novo tempo, um novo ver-se e um ver Cabo Verde com outros olhos: os críticos, os da ruptura com o velho, com o «cotidiano oficial».

Nessa perspectiva, já em *O Meu Poeta* o romancista faz devolver à personagem Dura, e deste modo também aos cabo-verdianos, aquilo de que ela diz sentir falta: «passados tantos anos sobre a independência, ainda ninguém se abalçou a tentar traduzir em termos literários esta vivência, esta nova realidade em romances, novelas ou simples contos. Até agora tem sido como se ainda estivéssemos na noite colonial» ⁸.

Considerando que dentro do ideário de *Ponto & Vírgula* a literatura é pensada como o espaço de expressão da identidade cultural, cabendo-lhe desvendar o momento e o elemento definidor dessa identidade, pode-se afirmar que o projeto de Almeida não se esgota em *O Meu Poeta*: tal qual desejado por Dura, ele prossegue em *Eva* (2006) ⁹.

Este romance é construído sobre o diálogo entre dois homens – o narrador e Luís Henriques – a respeito da mulher que amam: Eva, uma portuguesa que emigra para Cabo Verde a fim de casar com o segundo, que jamais foi ao seu encontro. Revela-se aí a habilidade de Germano Almeida na construção de um diálogo fascinante, um duelo de palavras construído com fluidez, inteligência e humor; o diálogo provocatório, de táticas, ataques e defesas, pequenas vitórias, humilhações e ciúmes.

O livro chega ao leitor através de um narrador que conta – interferindo para tal com seu pensamento, imaginação e julgamento – o encontro com Luís Henriques, o grande rival, de cuja existência chegara a duvidar, e que, em contrapartida, ajudara a construir a imagem de Eva como confidente, a doce Eva, que «o passar dos anos [...] levava cada vez mais a fantasiar de uma inocência quase mítica»¹⁰.

De tanto ouvir a Eva falar desse Luís Henriques, dei comigo a brincar com ela, primeiro apenas para a fazer calar-se ou mudar de assunto, depois num esforço consciente para a afastar da obsessão por um homem de quem o passar do tempo mais parecia aproximar. Propositadamente comecei a acusá-la de ter inventado e estar a falar de um fantasma como se de facto se tratasse ou tivesse sido uma pessoa viva e com história como toda a gente [...] porque de tanto ouvir dele eu pura e simplesmente tinha acabado de mitificar.¹¹

Achava, pois, a Eva capaz de comportamentos mais bizarros e insólitos, incluindo esse de inventar um homem e dotá-lo de vida e história, mesmo metê-lo na sua vida de forma tão presente que muitas vezes cheguei a acreditar na anormalidade daquele estranho comportamento, certamente a merecer tratamento do foro psiquiátrico.¹²

Se o diálogo vai revelando suas vidas, ele também reproduz relatos e confissões feitos pelo marido traído, o juiz Zé Manel, típico cabo-verdiano de comportamento *morabe*, tímido, humilde e simples, com quem Eva casara porque estava cansada de esperar em vão, ao longo de três anos, por Luís Henriques.

Ainda que sejam trazidos à narrativa os relatos de Eva, ela continua sendo apenas uma personagem referente. Entretanto, entre seres ficcionais tão bem construídos, sua construção é perfeita. Vai-se constituindo aos poucos, no leitor, a história dessa jovem portuguesa comunista, idealista, revolucionária, que quisera mudar o mundo e que, agora, é uma empresária.

O real e o irreal, a verdade e o inventado se mesclam naquilo que dizem os homens. A única verdade, entre eles, parece ser Eva, embora se possa pensar que ela também tenha inventando suas estórias, por que não? A verdade é que, assim como ela se constrói para o leitor, ela se constrói para os dois homens, ela se desconstrói para o narrador. E são duas as razões: ainda que confidente, Luís Henriques sabe mais sobre ela do que o narrador, e a doce Eva, de inocência quase mítica, se desvenda como a «aberração», a mulher que escolhe amar vários homens desconhecidos, traduzindo-se – conforme confessa – nas «inúmeras mulheres de que sou feita, muitas, adormecidas ou reprimidas, [...] e nelas eu vivo novas vidas»¹³. Ama-os e depois, ao vê-los adormecidos e indefesos, diz apenas que «Amanhã é mais um dia!»¹⁴.

É admirável a construção desse D. Juan de saias, que se apresenta como total transgressão. Para Eva,

D. Juan não é um alarve hedonista de apetites insaciáveis. Ele foi criado numa época em que a honra era o valor supremo, e só a desonra da mulher era troféu que interessava e lhe acrescentava a glória. Precisamente por isso, e no sentido mais próprio, D. Juan é um sedutor, e seduzir significa levar para o lado, isto é, desviar, corromper, desonrar, subornar, desafiar os deuses, a moral e os costumes. Para o sedutor, só as dificuldades de uma conquista são atrativo. Como um verdadeiro caçador, ele encontra e esgota o prazer no momento em que, depois de difícil perseguição, tem finalmente a presa na mira, imobilizada e vencida. Premir o gatilho é o primeiro momento do anticlímax.¹⁵

Na verdade, *Eva* é todo ele um livro de transgressão. Diferentemente das obras anteriores, o espaço escolhido pelo autor é Lisboa, o palco da ação do presente, mas é, também, a Cidade da Praia e a Lisboa do passado, do tempo de «causas por resolver». Quer dizer, essa discussão de dimensão humana se estende para a discussão ideológica quando, indo ao encontro do desejo de Dura, em *O Meu Poeta*, Germano Almeida faz a leitura da independência de Cabo Verde. E o faz através do narrador, jornalista, que testemunhara «esse processo ao mesmo tempo exaltante e doloroso»¹⁶ e que está em Lisboa para entrevistar doze cabo-verdianos, entre aqueles que haviam sido silenciados, ameaçados, reprimidos, taxados de reacionários, exilados, os «catchor de dôs pé», vinte e oito anos depois. Aqueles «que durante toda a vida souberam e sentiram Cabo Verde como parte integrante de Portugal e, de repente, se tinham visto desmamados e perdidos, porque abandonados pela Mãe Pátria e entregues a terceiros pelo próprio governo do país que era o deles»¹⁷.

O doutor Rocha era um deles; Fernando Macedo, que cometeu o suicídio ao ver «seu amado Arquipélago entregue pelos portugueses aos novos usurpadores que chegavam da Guiné», era outra vítima da intolerância dos radicais que queriam a independência, assim como o tenente, em Lisboa, a narrar a violência do ostracismo do banido. Trata-se, enfim, daqueles que deixaram ou foram obrigados a deixar o Arquipélago, naquela altura, por se sentirem mais portugueses, ou por medo do comunismo, ou porque não acreditavam na viabilidade de Cabo Verde, os que defendiam a simples adjacência em relação a Portugal, ou quando muito a autonomia.

Pois esses cabo-verdianos – diferentemente do povo desenraizado, miserável, que fugiu para não morrer de fome nas ilhas, impelido aos guetos para sobreviver à nostalgia – são assim categorizados:

1. Aqueles que fizeram a vida em Portugal e que se sentiam em casa tanto quanto em Cabo Verde, e, portanto, se sentiam inteiramente cabo-verdianos e inteiramente portugueses. (Não sendo, portanto, nenhum deles.)

2. Aqueles desenraizados que, em terra hostil, não sabiam se ali permaneciam por vontade ou pela simples vergonha de retornar à pátria, que não conseguiam reconhecer em si próprios uma identidade em que se afirmar.

3. Aqueles que saíram de Cabo Verde ainda crianças, acompanhando os pais, e sonham, ainda, com a terra da infância por se sentirem estranhos na terra imposta.

Se a afirmação da identidade está incorporada ao território, à imagem primeira do Arquipélago sobrepõe-se uma outra, traçada apenas pela geografia humana e pelo exílio. Na prática discursiva de Germano Almeida, o pacto realista transforma as particularidades num caráter coletivo. As estórias individuais são pretexto para reflexões outras, e a reconstituição da verdade histórica busca reconstituir a identidade no território da não pertença. Encerra-se aqui, definitivamente, a tradicional Pasárgada cabo-verdiana, como se configurava a terra longe, cheia de promessa, diante de um mar caminho e obstáculo, um espaço determinante da temporalidade, porque a terra longe é sempre futuro, e o futuro, melhor do que o presente. Diferentemente do espaço utópico, ela é hostil e condena ao abandono e ao estranhamento o presente e o futuro.

Estamos diante da grande questão contemporânea: ao lado de novas comunidades e novas organizações, de que o primeiro grupo pode bem ser paradigma, não se acentua a diferença – sempre produtora – mas apenas se reconhece – e mal ou preconceituosamente – a diversidade, provocando a fragmentação das identidades. Nesse momento o que fala mais alto já não é sequer a «mitologia doméstica» a que alude Eduardo Lourenço, quando afirma: «Quando se emigra toda a pátria emigra conosco», transportam-se, «como Enéias, os deuses lares para as novas terras»¹⁸.

Para Germano Almeida, a independência trouxe a impossibilidade da emigração:

Enquanto «portugueses», os cabo-verdianos podiam emigrar para a Europa; depois da independência, não – passaram a ser africanos. Muitos pensaram: «Esta gente que trouxe a independência prejudicou-nos.» E é então que esse sentido de portugalidade, que nunca se tinha feito sentir porque não era preciso, veio ao de cima. É a minha opinião. Também por isso é grave o que se passa hoje entre nós, ao não se valorizarem aspectos primordiais da nossa independência, não se desenvolvendo a autonomia económica, não tratando de dar à sociedade uma estrutura progressiva, fazendo-a mesmo regressar.¹⁹

Mais ainda, afirma o escritor que

fala-se na globalização da economia que interessa a certos países, mas não a Cabo Verde que só tem gente para exportar. Temos gente a mais nas ilhas e não temos trabalho para eles, porém não nos querem como emigrantes. É neste sentido que um país como Cabo Verde, sem uma economia de estado forte, fica numa situação extremamente difícil.²⁰

Entretanto, é preciso considerar que, se em sua terra natal os cabo-verdianos são um povo, agora, na antiga metrópole, não o são. Primeiro, porque são de fato uma minoria, e a minoria não é só numérica, a minoria corresponde a uma representação cultural diversa da cultura majoritária. Mas, mais do que isso, estão desterritorializados e são discriminados.

Observa José Carlos Venâncio (1998), em seu estudo sobre etnicidade e nacionalidade, que a afirmação cultural (onde se inclui literatura, música, artes em geral, enfim) da etnia europeizada conflui com «franças» da sociedade de acolhimento, num processo de osmose cultural ou de interlocução. São as chamadas margens deslizantes do deslocamento cultural. E é importante esta observação porque, de acordo com o grau de confluência sofrido, há a fragilização do sentimento de pertença.

Ora, sendo a literatura resistência, resultado e reinterveniência no tempo histórico, pela sua força como matriz geradora e definidora do social, tornando-o aberto à ação, as narrativas que dão voz aos migrantes – colonizados ou exilados – ocupam espaço cada vez mais relevante, criando uma nova (e mais real) imagem discursiva na confluência entre a História e a Literatura, possibilitando que a identidade nacional (política e cultural) seja lida de um outro modo e ganhe outra face, novos signos. Este é o ponto. E a inscrição dessa existência fronteira habita uma estranheza de enquadramento que «cria» a imagem discursiva no cruzamento entre História e Literatura. É, justamente, deste espaço da estranheza que Germano Almeida busca recuperar suas gentes, devolvendo-lhes uma outra possibilidade de cabo-verdianidade.

Em *Eva*, a partir das entrevistas e profundamente tocado por elas, o narrador começa a sonhar com a realização de um livro que seja ao mesmo tempo uma homenagem àqueles que optaram por permanecer em Cabo Verde, assumindo os riscos e as incertezas de uma independência «problemática e na qual o mundo não acreditava»²¹, mas também uma espécie de desagravo àqueles que, pelo radicalismo de outros, tinham sido impedidos de se manifestar e de viver em paz na sua terra natal. É como – ao longo do diálogo e da relação estabelecida pela mulher com os dois homens – emerge o resgate crítico da história, ao lado da abertura de um espaço para a voz das minorias, na medida em que discute a situação dos exilados cabo-verdianos em Portugal.

Nesse sentido, a História de Cabo Verde é a própria da memória do narrador, do que ele viveu, do que experienciou, do que soube, do que percebeu, do que imaginou, na medida em que esses movimentos não se excluem e a grande revelação é a já apontada por Helder Macedo²², quando afirma:

Sim, é claro, e se calhar a Literatura foi inventada para isso mesmo. Mas está a tornar-se também a da História, como História, refletindo todo um novo relativismo que virá, entre muitas outras razões, do colapso das hierarquias tradicionais, do deslocamento

dos antigos centros do poder político, da globalização da economia, da emancipação das mulheres, tudo, em suma, acontecimentos que têm a ver com o nosso tempo e que, por isso, permitem ver o passado com um equivalente relativismo. As mulheres também passaram a ter direito à História, [...] e os povos colonizados, cuja história é oposta à história dos colonizadores; e as comunidades periféricas [...] A História deixou de ser apenas a História do poder político, ou da força militar, ou do controle econômico [...]

Pois esse livro sonhado se realiza em *Eva* e, neste processo, a questão da identidade está presente e, de forma especial, aliada a um outro modo de pensar o pós-independência que, longe de significar um esforço meramente historiográfico de reconstituição documental do passado, significa aqui a abertura de possibilidades de discussão do processo histórico e da ideologia envolvida na sua representação oficial. O que é verdade se transforma em ficção e a ficção se faz verdade.

«A seguir à independência, houve muitas pessoas que saíram de Cabo Verde ou porque não acreditavam num país independente, ou porque eram ou se sentiam de facto portugueses. Mas depois chegaram aqui e constataram que são cabo-verdianos», diz o autor. «É injusto não reconhecermos que para muita gente a independência foi uma violência. Para essas pessoas que viveram sempre como portuguesas e que viam Cabo Verde como mais um pedacinho de Portugal, a independência representou de facto um corte, uma violência psicológica. Nós só faremos as pazes com a História no dia em que aceitarmos que essa gente também tem lugar na nossa sociedade», afirma Germano Almeida.²³

¹ Segundo o pensamento de Ruggiero Romano, 1994.

² Jacques Leenhardt, 2002, p. 33.

³ Angus Fletcher, 1976, p. 124.

⁴ Manuel Ferreira, 1977.

⁵ Germano Almeida, 1998.

⁶ José Carlos Gomes dos Anjos, 2006, p. 231.

⁷ Germano Almeida, 1992, p. 188.

⁸ Germano Almeida, 1992, p. 163.

⁹ Germano Almeida, 2006.

¹⁰ Idem, p. 13.

¹¹ Idem, p. 33.

¹² Idem, p. 40.

¹³ Germano Almeida, 2006, p. 163.

¹⁴ Idem, p. 274.

¹⁵ Idem, p. 185.

¹⁶ Germano Almeida, 2006, p. 15.

¹⁷ Idem, p. 21.

¹⁸ Eduardo Lourenço, 1994, p. 142.

¹⁹ Germano Almeida, 2003. Acessado em 15/12/2006.

²⁰ Idem.

²¹ Germano Almeida, 2006, p. 21.

²² Helder Macedo, 1999, p. 92.

²³ Germano Almeida, 2006.

- Almeida, Germano. *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.
- *O Meu Poeta*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
 - *A Família Trago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
 - *As Memórias de Um Espírito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
 - *Eva*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.
 - «Temo pelo futuro do meu país». *Expresso*. Lisboa, 12 de Agosto de 1998.
 - «Entrevista». Lisboa, Fevereiro, 2003. Disponível na WEB no endereço http://ruibebiano.net/zonanon/artes/fn_030315.html. Capturado em 15 de dezembro de 2006.
 - «Germano Almeida é uma mulher feliz na escolha de amar vários homens». Lisboa. *Público, Mil Folhas*, 22 de Abril de 2006.
- Ferreira, Manuel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I*. Amadora: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977
- Fletcher, Angus. *Literature of fact*. New York: Columbia University, 1976.
- Leenhardt, Jacques. «Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização». In: Martins, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. Porto Alegre: Ateliê/ISMIC/ Centro Cyro Martins, 2002.
- Lepecki, Maria Lúcia. «Aspectos da narrativa de preocupação histórica em Portugal». *Boletim da Associação dos Lusofonistas*. Coimbra: Poitiers, 1988.
- Lourenço, Eduardo. *A Europa Desencantada. Para Uma Mitologia Européia*. Lisboa: Visão, 1994.
- Macedo, Helder; Seixo, Alzira et alii. *Literatura e História: Três Vozes de Expressão Portuguesa: Helder Macedo, José Saramago, Orlanda Amarílis*. Tania Carvalhal e Jane Tutikian (orgs.). Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.
- Romano, Ruggiero et alii. *Cultura e Identidad Nacional*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/Fondo de Cultura Economica, 1994.
- Tutikian, Jane. «Cabo Verde: o passe e a senha». *Pós-Colonialismo e Identidade Nacional*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.
- *Velhas Identidades Novas: o Pós-Colonialismo e a Emergência das Nações de Língua Portuguesa*.

